

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Reale, Giovanni – História décima edição, São Paulo: Paulus, 1994.

REALE, Giovanni. **História da Filosofia**: do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991. (Coleção filosofia).

Nietzsche. Frederico. **O Anticristo** oitava edição, Lisboa: Guimarães Editores, 1994

CONCLUSÃO

Muitas pessoas se atêm pôr demais às palavras ditas sobre um grande pensador como NIETZSCHE, sem ao menos tentar interpretá-lo. É preciso compreender seu pensamento e sua época, para depois criticá-lo.

Analisando as idéias de NIETZSCHE pode-se perceber o quanto muitos desconhecem do cristianismo, partindo desse ponto de que muitos o acham muito radical, temos que respeitá-lo foram as idéias dele. A sua teoria tanto quanto imaginava era uma teoria que levaria para um homem mais consciente da realidade e sua problematização.

NIETZSCHE é um pensador que vê além de seu tempo, como cita sou "póstumo " pois prevê em sua época a atrocidade que cometerá o homem contemporâneo, com sua tecnologia avançada, criou-se tantas coisas, e de repente se vê, olha e já não sente a autenticidade da vida, pois, passou a ser um número a mais.

No liminar do século é preciso enxergar além, sob prismas diferenciados, para perceber o quanto o cristianismo é distorcido e o quanto a moral é forjada. Poucos são os que conseguem alcançar esse patamar, a grande maioria fica confinada ao que a coisa apresenta em se e não se dá conta da outra face.

Para isso é preciso ser além homem, para conseguir sobressair desse rebanho, tendo idéias próprias, não sendo esmagado pela força da moral que sempre dita normas e regras, você é livre, mas se agir com liberdade acarretará problemas para si e terá que resolvê-los prestando contas.

Mesmo diante de tantas dificuldades, valeu a pena o esforço e dedicação além de conhecer com um pouco mais de profundidade o pensador, comecei a compreender suas teorias. E posso dizer que com certeza, encontrei-me com suas idéias e maneira de ver o mundo.

Eu reconheço os teólogos predestinados na sua escravidão da mentira. Outro sinal distintivo dos teólogos é a sua incapacidade filológica. Eu entendo aqui por filologia, em sentido geral, a arte de ler bem, de saber distinguir os fatos, sem os falsear com interpretações, sem perder, no desejo de compreender, a precaução, a paciência e a delicadeza, a filologia é como ephexys na interpretação: trata-se de livros ou de notícias de jornais, de destinos ou de fatos meteorológicos para não falar da "salvação da alma".

A maneira como um teólogo, seja em Berlim ou em Roma, explica "uma palavra da Bíblia", ou então um sucesso qualquer, por exemplo a vitória do exército nacional, sob a excelsa luz dos salmos de David, é sempre ousada de tal modo, que faz saltar os filólogos (**Nietzsche – O Anticristo, pág. 101**).

Os teólogos usam das histórias da Bíblia com muita ousadia interpretando de forma falsa, usando um Deus criado por eles mesmos, exprime-se um grau tão inferior de probidade intelectual, com tal incapacidade para resolver a questão da verdade, que não há nunca necessidade de desmentir a quem sofreu torturas ou a morte por sustentar a fé cristã.

que é a fé, promete. Seguindo a fórmula, de quem crê é salvo, isto conduz-nos já ao fim, pois esta salvação está demonstrada pela fé.

A experiência de todos os espíritos sérios e profundos ensina o contrário. Foi preciso conquistar à viva força cada coisa de verdade, sacrificar quase tudo em que resumíamos o nosso amor e a nossa confiança na vida.

É preciso ter grandeza de alma, e é o serviço da verdade, o mais duro. O que se chama ser leal nas coisas do espírito? Será que precisamos ser severos para o coração, desprezar os bons sentimentos; fazer caso de consciência de cada sim e de cada não. A fé salva: logo mente.

Nietzsche chama a Igreja de casa de alienados, e que os sacerdotes são doentes, são doidos, que o cristianismo tem necessidade da doença, o homem religioso, tal como quer a Igreja, é um decadente típico; e a época que uma crise religiosa se apodera de um povo. A Igreja não canonizou senão desequilibrados ou grandes facínoras para maior honra de Deus.

Não é, como se crê, a corrupção da própria antiguidade, da antiguidade nobre, o que tornou possível o cristianismo. A maioria fez-se nobreza; o democratismo dos instintos cristãos triunfou. O cristianismo não era "nacional", não estava sujeito às condições de uma raça, dirigia-se a todas as variedades entre os deserdados da vida, tinha em toda a parte os seus aliados.

O cristianismo dirigiu a tudo o que é bem formado, orgulhoso, soberbo, a beleza, antes de tudo, molesta-lhe os ouvidos e os olhos.

Nietzsche também diz recordar de palavras que ele não apreciou; de Paulo: Deus escolheu o que há de fraco no mundo, o que é louco, perante o mundo, o que é ignóbil e desprezado, isto é o que serviu de fórmula, com esta bandeira venceu a decadência.

O cristianismo foi uma vitória, uma opinião mais distinta pareceu por ele, o cristianismo foi até o presente a maior desgraça da humanidade.

Por longo tempo este foi seu grande problema. O homem sai do paraíso e apela pra felicidade, a ociosidade evocam os pensamentos, e todos os pensamentos são maus, o homem não deve pensar. No entanto o sacerdote inventa a pena, a morte, o perigo mortal a toda espécie de misérias, são meios de luta contra a ciência. A miséria não permite que o homem pense. E, apesar de tudo, o conhecimento eleva-se. Que fazer? O antigo Deus inventa a guerra, separa os povos, os sacerdotes tiveram sempre necessidade da guerra, a ciência é um perigo, e a torna um desmancha-prazeres da ciência. E o Deus antigo adota como decisão última, que o homem científico é uma coisa que não serve para nada, é necessário afoga-lo.

O início da Bíblia contém a psicologia do sacerdote. O que ele mais teme é a ciência, a noção sã de causa e de efeito. Mas a ciência só prospera com o calor de boas condições, é necessário tempo, é preciso ter espírito em excesso para se progredir no conhecimento. Mas o sacerdote inventou o "pecado" no mundo, a idéia de culpabilidade e de castigo toda "a ordem moral" isso tudo foi inventado contra a ciência, contra a salvação do homem das mãos do sacerdote. O castigo é a idéia compreendida nela, a doutrina da "graça", da "salvação", do "perdão". Isso tudo foi inventado para destruir no homem o sentido das causas, não tem nenhuma realidade psicológica. São atentados de sacerdotes que usaram da imaginação provocadas por fantasmas da superstição, por "Deus", "espíritos", "almas", como conseqüências puramente "mortais" como recompensa, pena, advertência, meio de educação, é que se cometeu o maior crime contra a humanidade. O pecado, essa forma de poluição da humanidade, foi inventada para tornar impossível a ciência, a cultura, a elevação, a nobreza do homem.

Segundo Nietzsche não dispensa a psicologia da "fé" e dos "crentes". Se hoje há alguns que ignoram até que ponto é indecente ser "crente", mas é o que existe entre cristãos, é prova de força, a "fé salva". A salvação não está demonstrada, mas prometida. A salvação está ligada à condição da "fé" deve-se ser salvo, pois se crê.

O sacerdote promete ao crente algo que vai "mais além", e escapa a toda a comprovação. "Prova de força" não passa de uma crença na realização do

Uma religião como o cristianismo, que não toca a realidade em ponto algum, tal religião será, com direito, o inimigo mortal da “sabedoria do mundo” da “ciência”, a fé, enquanto imperativa, é o vento contra a ciência; na prática, a mentira a tudo o custo, Paulo compreendeu que a mentira, que a fé era necessária. Mais tarde a Igreja compreendeu que Paulo inventou um Deus que “reduz a nada” a “sabedoria do mundo” são os dois maiores adversários de toda a superstição, a filologia e a medicina. Paulo foi atrevido em chamar “Deus” à sua própria vontade, Paulo reduziu a sabedoria do mundo, os seus inimigos são os bons filólogos e médicos.

Efetivamente não se pode ser filólogo e médico sem ser ao mesmo tempo anticristo. O filólogo se olha através dos “santos livros”, o medito através da decrepitude, ou seja, da velhice fisiológica do cristão típico. O médico diz: “incurável” e o filólogo: “charlatanismo”.

Nietzsche diz que no princípio da Bíblia, a história do pânico de Deus perante a ciência, esse livro do sacerdote começa como convém, com a grande dificuldade interior do sacerdote, existe apenas um só grande perigo, por conseqüência, para “Deus” não há senão um grande perigo. O Deus antigo, era inteiramente “espírito”, grande sacerdote, perfeição acabada e contudo aborrece-se. E que faz ele? Invento o homem, mas também se aborrece com homem.

Deus não conheceu limites: então criou outros animais e primeiro equívoco de Deus foi o homem que não soube divertir-se com os animais, depois criou a mulher, foi o seu segundo equívoco, na tentativa de cessar o seu aborrecimento e muitas outras coisas.

A mulher é, por essência uma serpente, “Eva”, “pela mulher vem todo o mal do mundo”, isto todo sacerdote sabe, e é da mulher que vem a ciência. A mulher fez o homem comer o fruto que era a ciência e que aconteceu? O Deus antigo foi presa do pânico. O homem foi o seu maior equívoco, o seu rival que ele havia criado, a ciência torna igual a Deus.

A ciência é a coisa proibida, é o primeiro pecado, o pecado original. A moral da história é só isto. Como se defender contra a ciência?

Escolheu Deus para confundir os sábios, os fortes, para que nenhum homem se glorie na presença dele.

Na Genealogia da Moral, Nietzsche fala que pos a claro o contraste entre uma moral nobre e uma moral Tchandala, nascida de ressentimento e de vingança impotente. Paulo era o maior dos apóstolos da vingança. E para ler o Novo Testamento é preciso calçar luvas, por causa de tanta imundice. Assim evitaríamos os "primeiros cristãos" como os judeus polacos; ambos cheiram mal.

No Evangelho não se encontra nada que seja livre, bom, fraco, leal. Novo Testamento só existe maus instintos, não há coragem, tudo nele é covardia, olhos fechados, engano voluntário. O Novo Testamento sem notar uma preferência por tudo quanto nele é maltratado; sem falar da sabedoria deste mundo. O ódio de Tchandala não tem necessidade de outras razões, o "primeiro cristão" assim como conforme receio, o "último cristão". Nietzsche diz que queria viver talvez o tempo suficiente para o ver ainda, resolver-se os instintos contra tudo o que é privilégio, pelos direitos iguais, e a liberdade do coração, converte-se simplesmente em "mundo".

Moral da história: cada palavra na boca de um "primeiro cristão" é uma mentira, cada um dos seus atos uma falsidade instintiva; todos os seus valores, todos os seus fins são vergonhosos, mas tudo o que ele odeia, todos aqueles a quem aborrece, ganham em valor... O cristão, especialmente o sacerdote cristão, é um criterium para o valor das coisas (Nietzsche, pág. 30 – O Anticristo).

Pilatos foi um governador romano que não podia decidir-se uma questão de judeus; um judeu a mais ou a menos, que importa? A verdade disso tudo era que o povo judeu queria um culpado, uma "verdade". Que é a verdade?

O não tornarmos a encontrar Deus, nem na história, nem na natureza, nem por traz da natureza, não é isso o que nos separa; é, pelo contrário, o não experimentar o sentimento do divino respeito ao que é honrado como Deus, ver nisso não só um erro, senão um atentado à vida.

Negamos a Deus enquanto que Deus, se nos demonstrassem esse Deus dos cristãos, ainda acreditaríamos menos nele.

enfeitam-se com o grande aparato de uma luta pela virtude, a sua vida de humildade aparece como um dever porque é humilde, é uma prova mais de devoção. O Evangelho é um livro lido como livros de sedução pela moral: um meio de conduzir a humanidade pelo nariz, é assim que se colocaram a si próprios e à "comunidades" aos "bons" e "justos", colocaram do lado da "verdade" e o resto do mundo do outro lado.

Monopolizando a idéia de Deus, verdade, luz, espírito, amor, sabedoria, vida, como se essas idéias fossem o sinônimo das suas próprias pessoas, para estabelecer limite entre ele e o "mundo". o cristão não passa de um judeu de confissão "mais liberal".

Apresento agora alguns exemplos do que esta gente imaginou, do que puseram na boca do seu mestre: apenas profissões de "beleza de alma" (**1º parágrafo, pág. 85, Nietzsche – O Anticristo**).

"E quando alguns vos não receberem nem vos escutarem, saindo dali sacudi o pó dos vossos pés, em testemunho contra eles. Em verdade vos digo que no dia do juízo, Sodoma e Gomorra serão tratadas com menos rigor do que essa cidade" (Marcos, VI, II). Que evangélico que isto é! "E todo aquele que escandalizar um destes pequenos que crêm em mim, melhor lhe fora que lhe atassem à roda do pescoço uma mó de atafona, e que o lançassem ao mar" (Marcos, IX, 42). Que evangélico que isto é! "Se alguém me quer seguir, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Porque... (Obsevação de um psicólogo: a moral cristã encontra-se refutada pelos seus porques: as suas "razões" refutam, eis o que é cristão) "Porque se vós não amais os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós saudardes somente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios?" (Mateus, V, 46, 47). Princípio de amor "cristão": quer no fim de contas ser bem pago.

"Mas se não perdoardes aos homens, tão pouco vosso pai vos perdoará os vossos pecados" (Mateus, VI, 15). Altamente comprometedor para o "pai" em questão.

Naquele tempo o judaísmo reinava e era a classe dirigente. Sentiram-se rebeldia contra a ordem, consideraram Jesus como um sublevado contra a ordem estabelecida.

A comunidade não havia compreendido o essencial, o exemplo dado por esta morte, a liberdade, a superioridade sobre toda a idéia de ressentimento. Com sua morte, Jesus não podia querer outra coisa senão dar publicamente a prova mais firme, a demonstração da sua doutrina.

Nesse momento apareceu um problema absurdo: como podia Deus tolerar esse fato? Deus deu o seu filho para remissão dos pecados, em sacrifício.

E assim foi fácil terminar o Evangelho, esse sacrifício expiatório e nasce aquela frase: o sacrifício dos inocentes pelas faltas dos pecadores, ou seja, os pecadores sofrem pelos pecadores.

Isso tudo serviu também para introduzir pouco a pouco o tipo salvador, a doutrina do juízo final e da última vinda, a morte que serviu como sacrifício, a doutrina da ressurreição, e toda a idéia de salvação, simples e única realidade do Evangelho.

O que terminava pela morte na cruz é o novo esforço para a felicidade sobre a Terra, não apenas prometida, mas realizada. Esse é um dos problemas que Nietzsche levanta entre o budismo e o cristianismo, são duas religiões de decadence: o budismo não promete, mas assegura; o cristianismo promete tudo, mas não cumpre nada. Nietzsche diz que com Paulo o sacerdote quis ainda outra vez o poder e não podia servir-se de idéias, doutrinas, símbolos, que tiranizaram as multidões, que formam rebanhos.

O que Maomé pediu mais tarde de empréstimo ao cristianismo? Queria a invenção de Paulo, sua técnica de tirania sacerdotal, ou seja, a doutrina do "juízo final". E o cristianismo as apreciações cristãs que transformam toda a revolução em sangue e em crime torna o Evangelho dos "pequenos". Diz também que o Evangelho são documentos que testemunho a corrupção da luxúria no interior das primeiras comunidades cristãs. No cristianismo, a arte de mentir santamente é uma aprendizagem do judaísmo, isso tudo é herança, o cristão

Nietzsche mostra o seu desprezo pelos homens de sua época que era um mundo-manicômio, “fé cristã” ou “igreja cristã”.

Nós sabemos, a nossa consciência sabe agora, o que valem essas inistras invenções dos sacerdotes e da Igreja, para que serviram, como se atingiu este estado de poluição da humanidade, cujo o aspecto era as noções de “além”, de juízo final” de “imortalidade da alma”, da própria “alma”, sistema de crueldade de que se serviam os sacerdotes para se converterem em senhores e manterem o seu poder.

Todos sabem, isto é, apesar disso nada mudou.

A quem nega, afinal o cristianismo? O que chama ele mundo?

Qualquer prática comum, instinto, as avaliações convertendo-se em ação são hoje anticristãos.

Nietzsche diz novamente que a própria palavra “cristianismo” é já um equívoco, para ele só existiu um cristão, e esse morreu na cruz. O “Evangelho” morreu na cruz, e o que se chamou “Evangelho” era já o contrário do que Cristo havia vivido. Se encarmos o cristão de mais perto, vemos que apesar da “fé” só reinavam nele os instintos – e que instintos!

Para Lutero a fé era apenas uma capa que cobria o jogo dos instintos, perante o domínio de certos instintos, a “fé” para Nietzsche é a habilidade cristã. E diz mais, diz que o Evangelho teve sorte com a morte de Cristo, pois foi uma morte inesperada, aquela cruz estava reservada a qualquer criminoso, esse espantoso paradoxo foi o que conduziu por si os discípulos ao verdadeiro mistério: Quem era este: Que significava isto?

Muito bem, este é um sentimento ferido no mais profundo do seu ser, essa morte foi o terrível ponto de interrogação “mas porque aconteceu isto assim”?

Para ele tudo devia ser necessário, ter sentido, uma razão, uma razão superior. Quem foi que o matou? Quem era o seu inimigo natural?

O “reino dos céus” é um estado da alma e não depois da Morte

No Evangelho falta a idéia de morte natural, ela falta porque faz parte de um mundo de aparência, útil unicamente para símbolo. A hora da morte não é uma idéia cristã.

O reino de Deus não é algo que se espere, não tem ontem nem amanhã, é uma experiência num coração em toda parte.

Este “gozoso mensageiro” morreu como tinha vivido, como havia ensinado – não de modo algum para “salvar os homens”, mas para demonstrar como se deve viver (**2º parágrafo, pág. 67 – O Anticristo**).

Se deve viver de modo autêntico, sem ter que seguir receitas feitas por pessoas que não sabe viver a vida, devemos viver de forma que possamos agüentar todas as conseqüências de nossas atitudes seguidas na terra.

Somos nós, os espíritos libertos, que nos encontramos nas condições necessárias para compreender algo que dezenove séculos não souberam entender. Estavam escandalosamente preocupados consigo próprios, com o seu interesse e com o oposto do Evangelho e construíram a Igreja.

O Cristianismo é um gigantesco ponto de interrogação.

A humanidade ajoelhada perante o contrário do que era a origem, o sentido, o direito de Evangelho; santificou na idéia de “Igreja” o que “alegra o mensageiro” e procuraria um exemplo melhor de ironia histórica.

O Cristianismo traz desde a morte na cruz a história da incompreensão, grosseria, do simbolismo original e cada vez mais se espalhava entre massas numerosas e incultas, e é a aberração de todas as espécies de doenças mentais.

sabia que só com a prática da vida é que alguém se pode sentir “divino”, “bem-aventurado”, “evangélico”, a cada instante “filho de Deus”. O “arrependimento”, a “oração pela salvação” não são caminhos para Deus: só a prática evangélica conduz a Deus; ela, justamente, é “Deus”. O que foi destronado pelo Evangelho e o judaísmo, toda dogmática judaica foi negada na “boa nova”.

A maneira como se deve viver a fim de o homem se sentir no “céu” e “eterno”. A única verdade da psicologia da “redenção” é que qualquer outro comportamento impede que uma pessoa se sinta no céu – deve-se ter uma vida nova, não uma nova fé.

Segundo Nietzsche, que compreende deste simbolista como “verdade” só realidades interiores, tudo o que é natural, temporal, espacial, histórico, só considerava como sinais, como pretextos para parábolas, ou seja, na qual evoca outra realidade de ordem superior. A noção do “Filho do Homem” é um símbolo psicológico liberto da noção de tempo. O mesmo acontece num sentido mais elevado, com respeito ao Deus deste simbolista típico, ao “reino de Deus, ao “reino dos céus”, à “filiação divina”. Nada menos cristão do que as cruzes eclesiásticas de um Deus pessoal, de um “reino de Deus” que há-de-vir, de um “reino dos céus” no além, de um “filho de Deus. Isso tudo é cinismo histórico-universal para ridicularizar o símbolo.

O que se indica pelos sinais de “pai” e de “filho”: Como palavra “filho” exprime-se a entrada no sentimento das transfigurações total de todas as coisas, com a palavra “pai”, esse mesmo sentimento, o sentimento da eternidade e da realização.

A Igreja fez desse símbolo o anfitrião no início da fé cristã, colocando dogmas por cima dessa imaculada concepção e desonrou essa concepção.

tal situação, com cinismo glacial, valoriza os povos, as épocas, os indivíduos, conforme foram úteis ou resistiram à preponderância sacerdotal.

O sacerdote despreza, profana a natureza. A desobediência a Deus, ou seja, do sacerdote, à "lei" chama-se "pecado" e a "reconciliação com Deus" só pode ser feita por meio do sacerdote, só ele "salva".

Baseada nessa falsa noção de moral e de Deus, os "pecados" tornam-se indispensáveis, o sacerdote vive do pedaço, é o princípio supremo. Assim os fiéis se submetem, pois é assim que Deus perdoa, através de quem faz penitência e o cristianismo desenvolveu-se num terreno falso.

Aquele mundo estranho e enfermo em que os Evangelhos nos introduzem, os primeiros discípulos, em particular, traduziram na sua crueza própria para poderem compreender alguma coisa, um ser formado de símbolos. Foi um tipo enriquecido com traços que não podem ser traduzidos ou interpretados. Isso tudo foi uma propaganda cristã. Quando a primeira comunidade cristã teve necessidade de um teólogo justiceiro, criou o seu Deus, conforme as suas necessidades e pôs na sua boca estas idéias tão contrárias ao Evangelho, a "volta do cristo", o "juízo final" toda a espécie de esperança e promessas temporais.

Nietzsche opõe ainda mais ao fanatismo no tipo salvador. Onde Renan anula por si só o tipo. A "boa nova" consiste precisamente em não existirem oposição de idéias: o reino de Deus pertence às crianças, a fé que aqui se revela, não se manifesta nem por milagre, nem por recompensas, nem por promessas, muito menos "pelas escrituras", é ela própria, vive, recusa as fórmulas.

Pode então chamar a Jesus um "espírito livre". Isso por ele colocar suas idéias sem deixar-se corromper. Não é a sua "fé" que distingue o cristão, distingue pela sua maneira de agir diferente, não se aborrece com ninguém, nem a ninguém despreza, no fundo tudo é feito por um princípio, é conseqüência de um instinto.

A vida do salvador não foi outra coisa senão essa prática – a sua morte também não tinha necessidade de fórmulas e ritos para as relações com Deus,

estrangeiras) que ele pôde ter a utilização que lhe deram, servir de tipo para Salvador da humanidade. (1º parágrafo, pág. 48 – O Anticristo).

Os judeus por serem um povo singular preferiam, com uma lucidez perturbante, o ser por qualquer preço. Esse preço era falsidade radical de toda natureza, da realidade, tanto do mundo inteiro.

Perverteram de modo irremediável a religião, o culto, a moral, a história, a psicologia, deixando de lado seus valores naturais. A Igreja Cristã é mais uma cópia dos judeus, ela não pode de modo algum ter pretensões de originalidade, a humanidade foi de tal ponto falseada que, hoje em dia, um cristão pode sentir-se antijudeu sem considerar-se como a última conseqüência do judaísmo.

Os judeus são o contrário de todos os decadentes. Para o tipo de homens que no judaísmo e no cristianismo aspiram ao poder, a decadence é um estado sacerdotal, é interesse vital tornar a humanidade doente e perverter as noções de “bem” de “mal”, “verdadeiro” e falso”.

A história de Israel foi a desnaturalização de todos os valores naturais, ela era expressão de sentimento de poder, prazer e da esperança em si próprio: dele se esperava a vitória e a salvação, com ele se confiava na natureza e ela daria o que é necessário ao povo, e o deus de Israel é o deus da justiça. Isso foi durante muito tempo considerado ideal, mas isso foi abolido e o deus antigo nada mais podia fazer.

Já não mantém a sua unidade com Israel, já não é a expressão do orgulho de um povo.

Falseada a noção de Deus, de moral. Os sacerdotes realizaram a falsificação que permanece como documento, comprovado grande parte da Bíblia. Desprezando toda a tradição, atropelando a realidade histórica, transcreveram em sentido religioso, fizeram um estúpido mecanismo de salvação. Posta em lugar desta lastimável mentira, a realidade significa esta espécie de homem, o sacerdote, que abusa do nome de Deus: chama “reino de Deus” a sociedade na qual é ele quem fixa os valores; “vontade de Deus” aos meios que para alcançar

Nietzsche diferencia o cristianismo do budismo. O budismo é a religião que é cem vezes mais realista que o cristianismo, é a única religião verdadeiramente positivista que a história nos apresenta. Buda emprega como remédio a vida ao ar livre, a vida nômade, a temperança e a seleção dos alimentos, a prudência face às bebidas alcoólicas. A doutrina do budismo nada repudia ou condena, exceto o sentimento de vingança, a aversão, o ressentimento, o budismo necessita de um clima extremamente doce, muita amenidade e liberdade nos costumes.

No cristianismo são colocados os instintos dos servos e dos oprimidos em primeiro lugar. Nele pratica-se como ocupação, como remédio contra o aborrecimento o pecado, a autocrítica, a inquisição da consciência, incessantemente a oração, perante um poderoso chamado "Deus". O que é o cristão é o ódio da morte contra os senhores da terra, contra os "nobres" e ao mesmo tempo uma rivalidade secreta inconfessada, é o ódio contra o espírito, contra o orgulho, a coragem, a liberdade, a libertinagem do espírito, contra os sentidos, contra a alegria dos sentidos, contra a alegria em geral. O cristianismo pretende dominar homens ferozes; o meio de conseguir é torná-los doentes e o enfraquecimento é a receita cristã para a domesticação, para a "civilização". O cristianismo nem sequer achou na sua frente uma civilização, ele a criou.

O budismo, devemos respeitá-lo, é cem vezes mais frio, mais verídico e mais objetivo. O cristianismo carrega as três virtudes cristã: fé, esperança e caridade. Chama-lhe as três habilidades cristãs.

Limito-me aqui a abordar o problema da origem do cristianismo. Necessitamos para resolver o problema, de um primeiro princípio enunciado da forma seguinte: o cristianismo só pode ser compreendido a partir do terreno em que se desenvolveu – não é de modo algum um movimento de reação o instinto judaico, mas a própria conseqüência dele, um avanço na sua lógica temível, na fórmula do redentor: "A salvação vem pelos judeus". E eis o segundo raciocínio. O tipo psicológico do Cristo pode-se reconhecer facilmente ainda, mas foi somente após ser completamente desfigurado (por mutilação e aposição de características

temos que temer a "Deus", isso é usado em todas as religiões. Mas na verdade o que eles querem nos dizer é para temer a religião influenciando a humanidade no mundo imaginário como: "O reino de Deus", o "juízo final", a "vida eterna".

Um povo que ainda acredita em si, possui um Deus que lhe é próprio, e a religião é, nestas condições, uma forma de agradecimento. É um agradecimento a si mesmo. Para isso se precisa de um Deus, que deve poder servir e prejudicar, ser amigo e inimigo, devendo admirá-lo tanto no bem como no mal.

Que valeria um Deus que não conhecesse toda a realidade de um mudo enfermo? Sem dúvida quando o povo sente que a sua fé no futuro desaparece, a sua esperança na liberdade, quando a submissão lhe parece ser necessária, as virtudes dos servos entram na sua consciência como imperativos de sobrevivência, então é preciso também que seu Deus se transforme, fazendo-se Deus de toda a gente, representa um povo, a força de um povo, tudo que na alma de um povo existe de agressivo e sedento de poder: agora ele será o bom Deus.

Por toda a parte em que a vontade de poder se encontra em declínio, em regressão haverá uma decadência, converterá no Deus dos que se encontram em retrocesso fisiológico, no Deus dos fracos. Eles se dizem ser os "bons".

A concepção cristã de Deus – Deus como Deus dos doentes, Deus aranha, Deus espírito – é uma das mais corruptas concepções de Deus que sobre a Terra se tem chegado; representa até, possivelmente, o nível mais baixo da evolução declinante do tipo divino: Deus degenerado em contradição da vida, em vez de ser a sua glorificação, e a sua eterna afirmação. Declarar guerra em nome de Deus à vida, à natureza, à vontade de viver. Deus, essa fórmula para todas as calúnias do "aquém", para todas as mentiras do "além". O nada divinizado em Deus, a vontade do nada santificada. (autor NIETZSCHE O ANTECRISTO p. 38).

De fato esse Deus foi criado para confundir a humanidade, para entrar em guerra contra tudo que podia ser prazeroso. Mas os criadores desse Deus criaram também o "pecado", onde ficava mais confuso, e a vida, mais difícil de ser vivida.

noção moral como essência do mundo. Mas isso não foi tão longe. Fizeram da realidade uma "aparência", um mundo forjado. O êxito de Kant foi apenas um êxito de teólogo. Nietzsche se refere a Kant cuja fórmula é: "Proceder sempre segundo uma máxima, tal que possas desejar ao mesmo tempo em que ela se torna universal".

Kant com a sua inocência "alemã" tentou transformar essa corrupção, essa falta de consciência intelectual, em ciência, a coberto da noção de "razão prática": inventou propositadamente uma razão que especifica os casos em que não há que dar atenção à razão, ou seja, aqueles em que a moral, a sublime exigência "tu deves", faz ouvir a sua voz.

Nietzsche considera espírito livre aquele que consegue se declarar contra essas faltas verdades que foram colocadas durante tanto tempo.

Essas pessoas são vitoriosas e começam uma transmutação de todos os valores, um espírito científico, espírito que era desprezado e é considerado inimigo de Deus.

O homem é de todos os animais o mais falhado, o mais mórbido, o mais perigosamente desviado dos seus instintos e foi Descartes o primeiro, com louvável ousadia, a considerar o homem como máquina.

A fisiologia esforça-se para comprovar este princípio, para mostrar que o homem deve demonstrar suas vontades, seus desejos e lutar para que isso aconteça, sem temer falsos conceitos de verdade ou pecados.

Nietzsche diz: No cristianismo, nem a moral nem a religião estão em contato com a realidade. Somente encontramos nele causas imaginárias (Deus, alma, eu, espírito, o livre – ou também o não livre-arbítrio); só efeitos imaginários (pecado, salvação, graças, castigo, remissão dos pecados); um comércio entre seres imaginários. (NIETZSCHE, p. 32)

Isso nos mostra que o mundo do cristianismo, é movido pelo imaginário, usando o temor como uma arma para que as pessoas sejam fiéis a esta religião. Qual será esse temor? Eles dizem que devemos temer a "Deus",

infinitos prejuízos à vida. E diz o puro espírito, eis a pura mentira. Nietzsche considera os padres caluniadores, envenenadores e enquanto o padre passar por superior, não haverá resposta para a pergunta – o que é a verdade? Pois eles colocaram Cristo como advogado, como o representante da “verdade”.

É contra este instinto teológico que Nietzsche move guerra

Os teólogos vivem numa posição falsa perante tudo e todos. Eles têm uma maneira falseada de julgar e sob os nomes de “Deus, de salvação, de eternidade”, já não aceita que uma outra maneira de ver e de julgar possa ter valor.

Para Nietzsche o instinto teológico é a mais divulgada forma da falsidade que existe na Terra, pela forma que os teólogos usam para falarmos com propriedade. Com o seu instinto de conservação o proíbe de honrar a verdade, e são forçosamente invertidos os conceitos de “verdadeiro e falso”. “Verdadeiro” é aquilo que prejudica a vida. “Falso” é tudo o que eleva, realça, afirma, justifica e a conduz ao triunfo. Os teólogos tem a consciência de poder, a vontade de fim, a vontade niilista, que aspira ao poder.

Nietzsche nos fala que entre os alemães é fácil compreendê-lo quando ele diz que a filosofia está corrompida pelo sangue teológico, pois o avô da filosofia alemã era um pastor protestante e protestantismo foi o seu pecado original.

A filosofia alemã foi na verdade uma teologia fraudulenta. Kant passou pelo mundo dos letrados, foi então que provinha a convicção alemã, Kant iniciaria alguma mudança para um mundo melhor, o conceito de “mundo verdadeiro”, a

Essa corrupção ainda data presente em nossos dias e aspira a “virtude”, a “divindade”. Para Nietzsche isso tem o sentido de decadência, os valores da humanidade resumem-se em valores de decadência.

Por que o homem está tão corrompido? A vida é para Nietzsche um instinto de poder, e a humanidade falta esta vontade de todos os valores supremos.

O cristianismo é religião da piedade, este sentimento exerce uma ação depressiva, a piedade é medida pelo valor das reações que habitualmente suscita, é claramente uma ameaça contra a vida. A piedade contradiz a lei da evolução.

Nietzsche diz que Schopenhauer tinha razão quando dizia: ‘a vida é negada pela piedade, a piedade torna a vida ainda mais digna de ser negada’... – compadecer-se é a prática do Nihilismo, é um instinto negativo e contagioso, contradiz os instintos que visam a conservação e a valorização da vida.

O nihilismo, diz Nietzsche, é “a consequência necessária do cristianismo, da moral e do conceito de verdade da filosofia”. Quando as ilusões perdem a máscara, caem assim “as mentiras de vários milênios e o homem fica sem os enganos das ilusões, mas fica só”. Fica sem valores absolutos, os valores são desvalores, não existe estrutura racional que possa sustentar o esforço do homem.

Aristóteles via na piedade um estado mórbido e perigoso, para proteção do instinto vital seria necessário que deixássemos desse tumor de piedade. A nossa modernidade nos traz a piedade cristã.

Os teólogos têm o instinto de presunção, e por toda a parte, de nossos dias existe alguém que se sente “idealista” virtuoso, direito de olhar para realidade com superior indiferença. O idealista é como o padre, tem na mão todas as grandes noções, e lança-as com desprezo contra o “intelecto”, os “sentidos”, as “honras”, o “conforto”, a “ciência”, vê tais coisas como forças maldosas e sedutoras, e acima disso vem “o espírito” numa abstração pura – como se a castidade e a pobreza, ou numa só palavra, a “santidade”. Foi a causa dos

Somos enfermos da modernidade

Nietzsche diz que somos enfermos da modernidade, da paz apodrecida, do compromisso covarde, e de toda a virtuosa imundice do moderno sim e não.

Durante um longo tempo fomos submetidos a acreditar em fatos que eram prejudiciais a humanidade devido a essa modernidade, a nossa natureza era corrompida, nós fomos criados para usar a razão em busca de uma felicidade, para isso é preciso um sim, um não, uma linha reta, uma finalidade.

Frederico Nietzsche levanta esse problema, por que o homem é uma finalidade, mas qual o tipo deve-se criar, um de mais valor, digno de viver e seguro do futuro? Esse tipo de homem já existiu, não como desejo, é o tipo mais temido, e esse temor gerou o tipo inverso.

Criou o homem domesticado, moldado – criou o cristão (ao contrário do que hoje se tem por verdadeiro, a humanidade não representa um progresso para algo melhor, mais forte ou mais elevado).

O “progresso” não passa de uma idéia moderna, ou seja, de uma idéia falsa. (NIETZSCHE, p. 18).

Esse progresso fez que constantes religiões florescessem na terra das mais diversas culturas e assim manifesta um tipo superior.

O cristianismo tomou partido desse homem superior e corrompeu a razão das naturezas intelectualmente poderosas, ensinando que os valores superiores do intelecto não passam de pecados, desvios e tentações.

Os homens estavam dolorosamente corrompidos e enganados por falsa idéia de progresso.

Esta citação vem nos mostrar que a moral é corrompida por partes que criam valores moralistas.

Nietzsche acreditava que tinha a tarefa de preparar à humanidade para mais elevada reflexão, que possa olhar para trás e para muito além de si, que não sejam dominados pelo acaso e sacerdotes e que se ponha como totalidade, a questão do “porque”?, do “para que”?, para ele a humanidade não está num caminho reto, não é regida pela divindade, pelo contrário, sob os seus mais santos conceitos de valor, foram seduzidos pelo instinto da negação, da perversão, ou seja, o instinto da decadência.

Ele também considerava de primeira importância a questão da origem dos valores morais, porque condiciona o futuro da humanidade. Acredita-se que tudo se encontra nas melhores mãos, que um livro, a Bíblia é um apaziguamento sobre o governo divino, e a sabedoria da humanidade é escondida da realidade, não deixa surgir a verdade, que a humanidade está até agora nas piores mãos, foi governada por depravados, por sedentos de astuciosa vingança, pelos chamados “santos”, são esses que desonram a humanidade.

Que sentido têm estas noções enganadoras, os conceitos auxiliares da moral, “alma, espírito, vontade livre, Deus, senão o de arruinarem fisiologicamente a humanidade”.

A perda de equilíbrio, a resistência contra os instintos naturais, ou em outras palavras, o desinteresse, eis o que até agora se chamou moral.

O sacerdote com sua moral, levou falsamente o árbitro do seu valor que, na moral cristã, acertou com o seu meio de conquistar o poder.

Nietzsche faz duas negações a palavra moralista. Nega um tipo de homem que até agora se impôs como o mais elevado, os bons, os benévolos, os caridosos, nega uma espécie de moral que se tornou dominadora, a moral da decadência em termos mais óbvios, a moral cristã.

No Novo Testamento, Nietzsche só encontra uma personagem digna de ser elogiada, Pôncio Pilatos, em virtude do sarcasmo em relação à “verdade”.

Mais tarde, na história da nossa civilização, o Renascimento tentou a transvalorização dos valores cristãos e procurou levar à vitória aos valores aristocráticos, os nobres instintos terrenos.

Por que isso não aconteceu?

Pela ganância de poder e pela vingança dos padres mal-sucedidos indignavam-se contra o Renascimento. Eles aspiravam a cadeia papal porque viam a vida boa, de poder e nobreza, tudo o que eles condenavam pecaminosos.

São dessa natureza as razões que levam Nietzsche a condenar o cristianismo, a Igreja Cristã não deixou nada intacto em sua perversão, ela fez de cada valor um desvalor, de cada verdade uma mentira, de toda honestidade uma abjeção da alma.

A Igreja com o seu ideal de santidade vai bebendo até a última gota, todo sangue, todo amor e toda esperança de vida.

A guerra de Nietzsche contra o cristianismo é travada em nome da “transformação dos valores que dominaram até hoje”.

Nietzsche revolta-se com uma moral que na verdade é imoral, moral que obriga os fracos, os ressentidos, escravos e aflitos, essa moral usada até hoje, é como uma máquina que usa para controlar a humanidade ditando regra e leis que não podem ser desobedecidas, ou você se torna-ra imoral.

Escreve Nietzsche: “Olhai os bons e os bons e os justos. Quem eles odeiam mais que a qualquer outro? Aquele que rompe o quadro dos valores, o violador, o corruptor. Mas este é aquele que cria. Olhai os crentes de todas as religiões. Quem eles odeiam mais que a qualquer outro? Aquele que rompe o seu quadro de valores, o violador, o corruptor. Mas este é aquele que cria” (REALE, 1991, p. 434).

NIETZSCHE CRÍTICA O CRISTIANISMO

O objetivo de Nietzsche é mostrar que o cristianismo é maldição que leva o ser humano a ser submisso a religião deixando-se escravizar por tantos dogmas. Para ele um animal, uma espécie ou um indivíduo é pervertido quando perde os seus instintos, quando escolhe e quando prefere o que é nocivo. Nietzsche acreditava que o cristianismo foi prejudicial e causa de vários danos.

Nietzsche também questiona o que fez o cristianismo senão defender tudo que é nocivo ao homem? O cristianismo considerou pecado tudo o que é valor e prazer na terra. Ele tomou partido de tudo que é fraco, objeto e arruinado, fez um ideal da contradição contra os instintos de conservação da vida forte, desgastou até a razão das naturezas intelectualmente mais fortes ensinando a sentir os supremos valores da intelectualidade como pecaminosos, como fonte de desvio. Para Nietzsche o cristianismo é a religião de compaixão, para ele se perder força quando tem compaixão, ela se torna obstáculo ao desenvolvimento da realidade.

Apesar de tanta revolta contra o cristianismo, Nietzsche é tomado pela figura de Cristo. ("Cristo é o homem mais nobre", "o símbolo da cruz é o símbolo mais sublime que jamais existiu") e faz tanta distinção entre Jesus e o cristianismo ("o cristianismo é algo profundamente diferente do que o seu fundador quis e fez").

Cristo morreu para apontar como se deve viver, a prática da vida foi o que ele deixou em herança aos homens.

Para Nietzsche, Cristo foi "espírito livre" mas com Cristo morreu o Evangelho, diz que o Evangelho se transformou em igreja, em cristianismo, isto é, em ódio e ressentimento contra tudo que é nobre e aristocrático.

O cristianismo foi vitorioso na antiguidade retrocedendo na história das civilizações.

Nietzsche totalmente terreno por um lado anuncia a "Morte de Deus" e por outro realiza profundos ataques contra o cristianismo, cuja vitória sobre o mundo antigo e sobre a concepção grega do homem envenenou a humanidade, e por outro lado vai mais fundo, vai às raízes da moral tradicional. Qual será essa moral? Moral dos escravos, dos fracos e dos vencidos ressentidos contra tudo que é nobre, belo e aristocráticos.

Na Gaia ciência, Nietzsche nos diz que nós matamos Deus pouco a pouco por diversas razões e a morte de Deus é fato que não tem paralelo é acontecimento que divide a história da humanidade.

INTRODUÇÃO

Friedrich Nietzsche nasceu em 15 de outubro de 1844, em Rocken, nas proximidades de Lutzen. Estudou filologia clássica em Bonn e em Lípsia, onde teve por mestre Friedrich Ritschl.

Com vinte e quatro anos, Nietzsche foi chamado a ocupar a cátedra de filologia clássica da Universidade de Basileia onde fez amizade com o famoso historiador Jakob Burckhardt, e também com Richard Wagner.

Em 1879, por razões de saúde mas também por motivos mais profundos a filologia não era o seu destino. Nietzsche demite-se do ensino e inicia-se sua irrequieta peregrinação de pensão a pensão pela Suíça, a Itália e o sul da França.

Nietzsche não teve final feliz, em procura de sua felicidade ele estudou e viveu o mundo como ninguém, escreveu várias obras e publicou vários livros por sua conta própria.

Por uma fatalidade do destino, Nietzsche foi vítima da loucura, e várias outras enfermidades que o levaram a morte em 25 de agosto de 1900, sem poder se dar conta do sucesso que estavam tendo os seus livros.

Todos os livros de Nietzsche eram causa de grande polêmica, e o que mais abalou foi o livro *O Anticristo*.

Esse livro vem mostrar a guerra que Nietzsche declara ao cristianismo, com essa crítica contra o cristianismo Nietzsche visa mostrar o que é conhecido por poucos, por diversas vezes há discriminação em relação a esta crítica.

Nietzsche revela uma consciência de missão de milênios e moral cristã.

ÍNDICE

Introdução -----	06
Somos enfermos da modernidade -----	11
É contra este instinto teológico que Nietzsche move guerra -----	13
O "reino dos céus" é um estado da alma e não depois da Morte -----	20
Conclusão -----	29

MENSEGEM

“É preciso tempo para o relâmpago e o raio, é preciso tempo para a luz dos astros, é preciso tempo para as ações, mesmo quando foram efetuadas serem vistas e entendidas”.

Nietzsche.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao mestre maior que nos mostrou o caminho, agradecemos pela resistência e disposição que só o Senhor pode dar às pessoas cansadas.

- A Deus
- A Direção da Facer
- Aos professores
- Aos meus familiares

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus pais, estabelecidos e solidificados minhas primeiras relações afetivas, doando-se por inteiro, renunciando aos próprios sonhos por acreditar no meu potencial. Emoção que palavras dificilmente traduziram.

Aos meus familiares, que abriram mão de nossos momentos de convívio, esperando-me de braços abertos, sem nada, cobrar, acalentando meu cansaço, obrigado!

Aos mestres, que colocaram em minhas mãos ferramentas com as quais abrirei horizontes, além de tudo doaram-me afeto e fizeram-me crescer rumo aos ideais e humanos sobre a prática pedagógica.

FOLHA DE AVALIAÇÃO

MEIRE MARIA DA SILVA

NIETZSCHE CRITICA O CRISTIANISMO

Data da apresentação ___/___/___

Aprovada em ___/___/___

Assinatura do professor orientador

Assinatura da aluna

Rubiataba, 2004.

MEIRE MARIA DA SILVA



NIETZSCHE CRÍTICA O CRISTIANISMO

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, sob a orientação do professor Rogério Vieira Jacinto.

Rubiataba-GO

2004

S. 30.700

Tombo nº	9446
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	d
Data:	19.02.05

MEIRE MARIA DA SILVA



NIETZSCHE CRÍTICA O CRISTIANISMO

Tombo nº
Classif:
Ex:
.....
.....
.....
Origem:
Data:

Rubiataba-GO

2004